

---

KRASSUSKI, Jair Antônio. **Crítica da religião e sistema em Kant**: um modelo de reconstrução racional do Cristianismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

---

Daniel Omar Perez

Prof. Dr. Da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. e-mail: anedotismo@yahoo.com.br

Jorge Vanderlei Costa da Conceição

Participante do grupo de estudo Ética da PUCPR – Bolsista PIBIC/CNPq sob a Orientação do Prof. Dr. Daniel Omar Perez.

---

O livro em questão é uma tese de Doutorado apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, no ano de 2004, que tem como objetivo analisar os textos de Immanuel Kant (1724 – 1804) referente à religião e principalmente *A Religião nos limites da Simples razão (Die religion innerhalb der Grenzen der blossen vernunft)*. (KANT, 1992). O trabalho tem como espinha dorsal demonstrar o papel da religião na filosofia crítica de Kant. Para o autor, a delimitação do uso teórico e prático da razão, direcionado ao discurso do homem, pode reconstruir racionalmente o cristianismo.

Krassuski explicita que Kant reestrutura o discurso religioso no domínio prático da razão, pois todas as suas tentativas em fundamentar a moral na razão teórica foram condenadas ao fracasso. Para demonstrar o domínio dos conceitos religiosos no mundo sensível, Kant propõe um antropomorfismo simbólico, que não se refere ao objeto em si, mas atribui predicados aos conceitos que não possuem referências no mundo sensível. Assim, resignificando esses conceitos, não como coisa em si, mas como um “signo” na linguagem do homem, que possui um valor semântico e por isso age na consciência moral.

Parafraseando Krassuski, segundo o filosofo alemão, temos de nos prevenir de qualquer pretensão de querer representar Deus como uma coisa em si, pois só podemos conceber Sua existência por um antropomorfismo simbólico em relação ao mundo sensível, que propicia um conhecimento por analogia. Não nos é permitido fazer uso de um conceito transcendental para

representar um objeto no mundo sensível, a saber, determinar a natureza divina pela natureza humana. Segundo o autor, é possível pensar na existência de Deus em analogia com o mundo sensível, do contrário, não se pode concluir sobre Ele, ou seja, só podemos pensar na sua existência a partir de finalidades morais. O uso prático do conceito Deus se dará no mundo sensível a partir de uma ressignificação moral do conceito, Ele será rerepresentado ao homem como um legislador moral agente na disposição de ânimo. Isso também é sugerido aos outros conceitos da religião, a saber, culto, santidade, bem e mal.

“O fato de Kant compreender que a religião não é um objeto do conhecimento teórico, e sim da disposição prática subjetiva, pressupõe, no seu ponto de partida, que a moral conduz à religião e não o seu contrário” (KRASSUSKI, 2005, p. 173). A partir da idéia de que a moral conduz à religião, Kant reduz a religião à moral, assim reconstruindo a religião por meio de um discurso moral. Este por sua vez poderá representar racionalmente o cristianismo como uma comunidade ética. Desse modo, afirmando que a prova ontológica, cosmológica e físico-teleológica sobre a existência de Deus representado como coisa em si leva ao devaneio.

Krassuski propõe que a “religião é a síntese e a conclusão das três críticas” (KRASSUSKI, 2005, p. 259). O autor entende a obra *A religião nos limites da simples razão* como centro da filosofia crítica kantiana, pois a verdadeira profissão de fé poderá levar o homem ao esclarecimento. Para Kant, a religião racional se contrapõe à religião eclesiástica. A religião racional tem como princípio a formação moral do indivíduo, que torna sensível a percepção da lei moral para o homem, que por sua vez, procura dentro de si um princípio subjetivo que possa orientá-lo na formulação de máximas morais para sua vida. Segundo a interpretação de Krassuski, a religião pode participar da tarefa do esclarecimento por ser a expressão de ações que pressupõem um sujeito moralmente motivado. “Na crítica da religião, Kant considerará profundamente como os elementos da natureza humana favorecem ou obstaculizam a execução das leis morais enquanto dever incondicionado” (KRASSUSKI, 2005, p. 107). Kant afirma que não é contraditório para razão pensar que o homem não é totalmente racional e que a lei moral é praticada por um ser racional. O agente moral é aquele que é capaz de dar a si mesmo um princípio que determine a sua vontade, ou seja, o conhecimento da lei prática somente é possível através da razão.

“Podemos dizer, verdadeiramente, que a vontade é livre somente quando as leis da ação são dadas pelo próprio sujeito da ação, de forma totalmente autônoma” (KRASSUSKI, 2005, p. 108). O homem, por ser racional,

é o único capaz de representar a lei moral por meio do imperativo categórico, no qual ele é autor. Krassuski relaciona o texto “Resposta à pergunta: Que é esclarecimento?” (*Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?*) com a obra “A religião nos limites da simples razão” para comprovar que a liberdade e a autonomia são o centro da filosofia crítica de Kant. Ele explicita que a filosofia religiosa kantiana tem como princípios a autonomia moral e a liberdade, ou seja, “pensar por si mesmo”. “Pensar por si mesmo” significa orientar-se no próprio pensamento e ter a capacidade de legislar máximas morais para a própria vida por meio de um princípio subjetivo. “Esclarecimento [Aufklärung] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo” (KANT, 1985, p. 101).

Segundo a interpretação de Krassuski, a religião como parte do sistema filosófico kantiano seria o último estágio para a formação do estado cosmopolita. Nesse estado, a representação da lei moral já estaria contida na vontade do homem, que seria expressa por uma máxima, ou seja, a própria máxima seria a forma da lei moral. Assim, torna-se-ia desnecessária a representação de objetos agentes na disposição de ânimos do ser racional finito, pois na consciência moral do homem já está contida a forma da lei moral, a saber, o imperativo categórico. Dessa forma, o leitor é levado a concluir que a vontade autônoma é uma vontade santa, ou seja, a vontade do homem é cumprir o dever moral e não o contrário. Assim, o esclarecimento é a capacidade do homem em legislar máximas para a sua vida que já contém em si a fórmula do imperativo categórico.

A partir de leitura da obra de Krassuski, o leitor pode se fazer as seguintes interrogações: a religião seria o último estágio para o estado cosmopolita? Como pensar em autonomia moral se o dever não pode ser deduzido do sentimento moral? Seria a autonomia moral uma vontade santa? Como se dará o uso público e privado da razão na comunidade ética? Essas interrogações ficam em aberto na obra de Krassuski, revelando um novo viés na interpretação da filosofia religiosa kantiana.

## Referências

KANT, Immanuel. **Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung**. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. **A Religião nos limites da simples razão**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1992.

KRASSUSKI, Jair Antônio. **Crítica da religião e sistema em Kant**: um modelo de reconstrução racional do cristianismo. Porta Alegre: EDIPURS, 2005.